



Câmara Municipal de Fortaleza
Vereador **Evaldo Lima** - PCdoB

REQUERIMENTO Nº 5184/2013

DEPARTAMENTO
LEGISLATIVO

18 NOV. 2013

14 H 16 MIN
Funcionário

“Requer seja efetuada a transcrição, para os Anais desta Casa Legislativa Municipal do artigo de Carlos Ficco, Professor Titular de História do Brasil da universidade Federal do Rio de Janeiro, intitulado “Jango tem reputação passada a limpo após críticas e décadas no esquecimento”, publicado no Jornal Folha de São Paulo da edição de 15 de novembro de 2013.”

EXMO. SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

O Vereador Evaldo Lima, (PCdoB) vem à presença de Vossa Excelência, requerer que seja efetuada a transcrição para os Anais da Câmara Municipal de Fortaleza do artigo supracitado (em anexo) publicada no Jornal Folha de São Paulo do dia 15/11/2013.

A análise do Professor de História do Brasil da UFRJ resgata aspectos da trajetória política do ex-presidente João Goulart deixando claro que exumar também significa retirar do esquecimento. Jango foi o único presidente do país a morrer no exílio e ainda pairam dúvidas se sua morte foi natural ou por envenenamento através de agentes da Ditadura Militar que o derrubaram através de um Golpe de Estado.

Os restos mortais de João Goulart foram finalmente transportados para a capital do país e receberam honras de Chefe de Estado por parte de ato da



Proposta Nº 5786/13
Câmara Municipal de Fortaleza
Vereador **Evaldo Lima** - PCdoB

Presidente da República Dilma Rouseff, ela mesma que também foi vítima de prisão política e tortura por parte da Ditadura.

Jango foi erroneamente avaliado por parte da esquerda brasileira como um presidente fraco, indeciso e com deficiências e erros em sua atuação. A direita, responsável pelo golpe, por sua vez, afirmava que Goulart era impopular, pretendia dar um golpe para permanecer no poder e instalar uma ditadura comunista ou república sindical. Estas avaliações maniqueístas e equivocadas, segundo o respeitado professor, vem sendo revistas por muitos estudos acadêmicos e por familiares e militantes dos direitos humanos que buscam valorizar sua memória como democrata e que demonstram que Jango possuía boa aceitação popular segundo pesquisa do Ipope, realizada e não divulgada à época do golpe, que mergulhou o país em décadas de obscurantismo.

Departamento Legislativo, 18 de NOVEMBRO de 2013

F - E - Q - F - C

Vereador Evaldo Lima - PCdoB



Câmara Municipal de Fortaleza
Vereador Evaldo Lima - PCdoB

Voto Nº 5184 / 2013

ANÁLISE

Jango tem reputação passada a limpo após críticas e décadas no esquecimento

CARLOS FICO
ESPECIAL PARA A FOLHA

Exumar também significa retirar do esquecimento. De algum modo, isso vem acontecendo com João Goulart há alguns anos.

Ele foi um homem popular: pouco antes do golpe, seu governo contava com razoável índice de aprovação segundo o Ibope. Entretanto, depois de deposto, foi rapidamente esquecido.

A censura do regime militar não permitia que seu nome fosse mencionado. Poucas pesquisas universitárias fizeram referência mais detida a ele até recentemente.

Morreu em 1976 na Argen-

tina e foi preciso que o então presidente, general Ernesto Geisel, desse autorização para seu sepultamento em São Borja (RS). O Executivo não permitiu que a bandeira nacional ficasse a meio pau.

Isso vem se alterando nas últimas décadas. Hoje em dia, a trajetória de Goulart é bastante estudada, sua participação nos eventos que culminaram no golpe de 1964 é conhecida em detalhes e várias biografias têm sido publicadas. A exumação poderá esclarecer a suspeita de que ele teria sido envenenado.

Sua reputação também vem passando por um deslocamento de sentido. A esquerda sempre desconfiou de Jan-

go. Leonel Brizola, seu cunhado, que defendeu a posse de Goulart em 1961 após a renúncia de Jânio Quadros, acusou-o de indeciso no famoso Comício da Central às vésperas do golpe. Mesmo seus amigos e assessores diretos, como Raul Ryff, viam deficiências e erros em sua atuação.

Muitos analistas da época supunham que Jango pretendia dar um golpe para permanecer no poder. Depois que ele foi deposto sem oferecer resistência, foi chamado de covarde e despreparado.

Ultimamente, essas avaliações vêm se alterando. Pesquisas mostram que não há evidências empíricas comprovando que ele planejava

um golpe. Sua trajetória, desde que foi ministro do Trabalho de Getúlio Vargas, tem sido avaliada de modo mais benevolente. Familiares e militantes dos direitos humanos buscam valorizar sua memória como democrata.

Denúncias apaixonadas, como as que foram feitas contra Goulart logo após o golpe de 1964, assim como os “resgates históricos” e “reabilitações”, costumam ser parciais.

Durante processos de justiça de transição, como o que o Brasil vive agora, há sempre o risco da constituição de narrativas romantizadas, não necessariamente pautadas pelo rigor histórico, mas pelas circunstâncias políticas. Entretanto, disputas de memória são sempre úteis para a busca, por vezes infrutífera, da verdade histórica.

CARLOS FICO é professor titular de história do Brasil da UFRJ (Federal do Rio)